

ESCREVIVÊNCIAS AFROFEMININAS: SEXUALIDADES E AUTOFICÇÃO EM LUAMANDA

Daiane de Moura Rodrigues¹

RESUMO: O presente estudo desenvolve reflexões acerca

do debate sobre sexualidades das mulheres negras e como a autoficção explora essa temática. Luamanda é a protagonista do conto em análise e carrega em seu nome o título do sétimo conto da coletânea de textos que compõe o livro *Olhos D'água* (2016) da escritora mineira, Conceição Evaristo. Para este artigo, apresentamos a literatura *afrofeminina* a partir das sete identidades de uma mesma mulher, que tenta ressignificar o corpo feminino negro representado por oito perguntas ao longo das fases da vida de Luamanda, que vão desde a puberdade à vida adulta. Ao percorrermos esta história compreendemos a mulher que Luamanda era e como se torna dona de si. A protagonista, construída por Evaristo, nos leva do ponto inicial do enredo com quase cinquenta anos e vai rememorando seus amores, suas vivências e experiências sexuais ao longo da sua existência. Para tal intenção, o artigo foi pautado em estudos de teóricas como bell hooks (2013), Patricia Hill Collins (2019), Guacira Lopes Louro (2000), Judith Butler (2019), Eurídice Figueiredo (2013), Silvia Federic (2017), dentre outras. A análise partiu dos elementos narrativos do conto em questão que permitiram traçar recentes pressupostos para as discussões sobre sexualidades e o corpo feminino negro. Bem como, entender as fronteiras enunciativas destes corpos que foram durante anos desnaturalizados, policiados e transformados em objetos da disciplina social através do racismo e sexismo.

Palavras-chaves: Literatura afrofeminina. Sexualidades. Autoficção

¹ Daiane de Moura Rodrigues. Mestranda em Letras/PPGL pela Universidade do Estado da Bahia - campus X. Especialista em Estudos Linguísticos: Leitura e Produção de Textos pela Universidade do Estado da Bahia- campus IX. E-mail: daianemoura82@gmail.com

AFRO-FEMININE "ESCREVIVÊNCIAS": SEXUALITIES AND AUTOFICTION IN LUAMANDA

ABSTRACT: The following study develops reflections about the debate on black women's sexualities and how autofiction explores this theme. Luamanda is the protagonist of the short story under analysis and carries, in her name, the title of the seventh short story of the collection of texts that make up the book *Olhos D'água* (2016) by the Minas Gerais writer, Conceição Evaristo. For this article, we present the Afro-feminine literature from the seven identities of the same woman, who tries to re-signify the black female body represented by eight questions throughout the phases of Luamanda's life, ranging from puberty to adulthood. As we go through this story, we understand the woman that Luamanda was and how she becomes her owner. The protagonist, built by Evaristo, takes us from the starting point of the plot when she is almost fifty years old and she goes back to remembering the ones she loved, her life and sexual experiences throughout her existence. For this purpose, the article was based on studies by theorists such as bell Hooks (2013), Patricia Hill Collins (2019), Guacira Lopes Louro (2000), Judith Butler (2019), Eurídice Figueiredo (2013), Silvia Federic (2017), among other authors. The analysis started from the narrative elements of the tale in question that allowed us to draw recent assumptions for discussions about sexualities and the black female body. As well as understanding the enunciative borders of these bodies that were denaturalized, policed and transformed into objects of social discipline through racism and sexism for years.

Keywords: Afro-feminine literature. Sexualities. Autofiction

Introdução

Conceição Evaristo (2020, pág. 42) afirma que é necessário “criar um texto que informa o corpo autoral”; bell hooks destaca que é preciso “achar a própria voz para também poder falar livremente sobre outros assuntos” (2013, pág. 199). Estas

mulheres pensam criticamente suas escritas a partir do conceito que Ana Rita Santiago (2012) chama de *literatura afrofeminina* e que Evaristo (2019) nomeia por *escrevivências*. A partir destas teorias podemos pensar como a pesquisadora Ana Rita (2012) explica o conceito de *literatura afrofeminina*:

A *literatura afrofeminina* é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/ feminismos por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. (SANTIAGO, 2012, p. 155).

Da mesma maneira, Conceição Evaristo, confere epistemologicamente, o conceito de *escrevivência*, pois ao apresentá-lo traz algo novo para a teoria da literatura construir, a partir, sobretudo, do conceito de autoficção. (EVARISTO, 2020). A *escrevivência* demanda uma escrita que parte da autonomia atravessada pelo sentimento de dizer-se ao mundo, carrega consigo a possibilidade de sujeitos subalternos comunicarem-se e construir sua vivência a partir da voz do coletivo que o/a cerca. Segundo a autora:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (EVARISTO, 2020, pág. 30).

Quando o sistema opressor e patriarcal teve sua base desestabilizada, mulheres começaram a escrever; quando os pseudônimos deixaram de ser a única maneira de publicar, a revolução literária também começou. Um passo necessário para que as mulheres buscassem uma nova linguagem que expressasse essa identificação, um chamamento para uma escrita de si que propiciasse autobiografia ou autoficção. Como argumenta a pesquisadora, Eurídice Figueiredo (2013):

A autoficção seria um romance autobiográfico pós-moderno com formatos inovadores: são narrativas descentradas, fragmentadas com sujeitos

instáveis que dizem “eu” sem que se saiba exatamente qual a instância narrativa ele corresponde. (FIGUEIREDO, 2013, pág. 61).

Portanto, a autoficção associada ao conceito de *escrevivência* da Conceição Evaristo (2019) é potência de resiliência que impulsiona a autonomia das mulheres negras num exercício de libertação das dores e dos seus corpos. Sendo assim, a literatura de autoficção preocupada com a linguagem que transita na proteção do cuidado propicia escrever vidas de mulheres como Luamanda e permite uma escrita com poder de diálogo e compartilhamentos de trajetórias.

De acordo com Eurídice Figueiredo o termo autoficção foi criado por Serge Doubrovsky (1977) em meio a uma discussão com Phillipe Lejeune. Ela explica que Serge resolveu escrever um romance que o protagonista narrador tivesse seu próprio nome. Assim ele criou o neologismo autoficção. Outro conceito interessante e que dialoga com Conceição Evaristo no termo *escrevivência* é o de Phillipe Gasparini (2013) que conceitua autoficção:

Texto autobiográfico e literário que apresenta numerosos traços de oralidade, de inovação formal, de complexidade narrativa, de fragmentação, de alteridade, de disparatado e de autocomentário, os quais tendem a problematizar a relação entre escrita e vivência. (GASPARINI citado por Eurídice, 2013, pág. 62).

Desse modo, o presente artigo suscita o pensamento dessa relação de escrita e vivência ao deparamos com questões díspares quanto às desigualdades de gênero e raça. Se para as mulheres brancas falar do corpo e do sexo sempre foi tabu, imagine para mulheres negras que viram durante anos seus corpos e seu sexo sendo explorados como mercadoria do homem branco, que a seu bel prazer ditava quem a possuía primeiro, o patrão ou o filho do patrão.

Acerca dessas conjecturas racistas, bell hooks alerta que “o corpo da mulher negra só recebe atenção quando é sinônimo de acessibilidade, disponibilidade, quando é sexualmente desviante” (2019, pág. 136). Em combate ao sexismo e ao racismo por trás dessa afirmativa, Patricia Hill Collins, ressalta que “outras mulheres negras podem ajudar uma mulher negra nessa jornada rumo ao empoderamento

peçoal, mas a responsabilidade última sobre autodefinição está dentro da própria mulher como indivíduo.” (COLLINS, 2019 pág. 270). Por essa razão, acredita-se que Conceição Evaristo desenhou uma personagem que buscou se emancipar da opressão patriarcal, tentou romper as marcas do olhar exótico sob o corpo da mulher negra, criando assim, uma força narrativa que emerge do desejo e da vontade latente de reinventar o mundo a qual foi submetida, libertando de um corpo disciplinado, exótico e submisso.

Portanto, o conto “Luamanda” anuncia uma mulher que não teme suas experiências, valoriza sua beleza e permite sonhar e planejar seu próprio destino. Dessa maneira, a autoficção escrita pelas mulheres negras não só expressa seus corpos individualizados e sim, os corpos de muitas mulheres que foram subalternizadas.

Gênero, raça e sexualidades: amores fecundantes para personagens negras

As mulheres em nossa sociedade não foram educadas para desejar, e sim, para serem mulheres desejadas. Historicamente as demarcações dos corpos femininos foram construídas pela dicotomia de raça, gênero e classe. Percebe-se que o lugar do corpo feminino sempre foi ocupado pelo outro e, esse outro, sempre foi o homem e, as instituições por ele patrocinadas. Silvia Federic (2017, p. 31) conceitua corpo como “uma chave para compreender as raízes do domínio masculino e da construção da identidade social feminina”. Por sua vez, bell hooks (2019) pontua: “Ao deslocar a noção de outridade da raça, etnicidade, cor da pele, o corpo se revela um lugar de contestação onde sexualmente é o Outro metafórico que ameaça dominar, consumir e transformar através da experiência do prazer.” (HOOKS, 2019, pág. 67).

Diante destas perspectivas teóricas, os papéis femininos na sociedade foram consolidados pelo poder patriarcal e, explorados pelo viés da sexualidade, procriação, trabalho e maternidade. Partindo dessa análise, temos a formação dos privilégios masculinos centrados na apropriação do corpo feminino, subjugados pelas relações de poder. Essa política exploratória foi elaborada por várias técnicas de controle que vão desde a imposição do casamento ao controle reprodutivo e suas consequências

perpassam pela violência, abusos, estupros, apagamento social e o silenciamento. O que explica porque para “as mulheres o corpo pode ser tanto uma fonte de identidade quanto uma prisão.” (FEDERIC, 2017, p. 34).

A reconstrução da história das mulheres só ocorre com o advento dos movimentos feministas que se iniciam na década de sessenta e dão voz e visibilidade a uma nova compreensão do lugar das mulheres que tentam retomar sua subjetividade e recuperar a “posse do corpo”. E como acrescenta Guacira Lopes Louro (2000):

Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentadas, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações. (LOURO, 2000, p. 07)

Entretanto, ao longo destas lutas as mulheres negras tentaram romper as agruras do sexismo, machismo e misoginia por outras vias, porque durante séculos não podiam manifestar seus pensamentos mais íntimos, suas emoções mais secretas, pois suas sexualidades foram silenciadas, seus corpos controlados e suas vidas oprimidas. Contudo, em parceria com o movimento feminista negro e as teorias feministas interseccionais, a *literatura afrofeminina* exerce papel fundamental nesse impulso revolucionário, proporciona esse exercício libertário e coopera para esse desnudamento. Essa conquista é árdua e perpassa pelo direito de mulheres contarem suas histórias e principalmente, para mulheres negras demarcarem suas identidades, pois como diz Regina Dalcastagnè (2001, pág. 117) “toda narrativa é um campo de batalha”. E para mulheres negras, essas narrativas requerem lutas mais acirradas que implicam importantes maneiras de reinterpretar o mundo sob o prisma das produções literárias escritas por mulheres brancas e não brancas.

Os contos do livro *Olhos D'água* nos apresentam uma diversidade de histórias de mulheres negras que perpassam situações de violências como o racismo e sexismo, mas que também possibilitam construir histórias de resiliência e trazem a noção de representação das suas identidades. Essas narrativas reconfiguram a possibilidade de observar quais laços de pertencimentos os corpos femininos negros

constroem no coletivo, como o aprendizado sobre o próprio corpo aflora a sexualidade da mulher negra e de que maneira desconserta os estereótipos acerca da sensualidade erótica das mulheres negras, pois como nos conta Conceição Evaristo “nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de outros corpos.” (2020, p. 39).

Ao percorrer territórios femininos de corpos de mulheres negras, Conceição Evaristo ressignifica o feminino por meio da construção das sete fases da lua, representadas nas perguntas que a narradora faz ao longo da narrativa e pelo trocadilho imperativo do nome da protagonista “Lua-manda”. Evaristo reconstrói essas fases e permite através de Luamanda ressignificar “corpos desejanter” que tiveram suas experiências aprisionadas; representa os corpos das mulheres negras que pulsam desejo, transforma dores e violências sofridas em potências de prazeres através dos encontros amorosos. Tal como a narradora descreve a primeira relação sexual da protagonista do conto:

Corpo-coração espetado por um falo, também estreante. Um menino que se fazia homem ali, a inaugurar em Luamanda o primeiro jorro, fora de suas próprias masturbantes mãos. E ambos se lambuzavam festivamente um no corpo do outro. (EVARISTO, 2016, pág. 60).

Ao deixar Luamanda livre, as dicotomias de padronização do gênero são submetidas a representação da perspectiva feminina em relação à sexualidade. A protagonista vive amores livres, bissexuais, está aberta a novos experimentos. E se questiona: “O amor se guarda só na ponta de um falo, ou nasce também dos lábios vaginais de um coração de uma mulher para outra?” (EVARISTO, 2016, pág. 61). O corpo de Luamanda era livre de estereótipos em busca de prazeres, para ela, gênero não fazia diferença, homens e mulheres, jovens e velhos, a idade também não importava. A narradora nos conta que Luamanda experimentava o amor em braços semelhantes aos seus. Afinal, “o amor não cabe em um corpo?” (EVARISTO, 2016, pág. 61).

Ao reconfigurar os papéis de gêneros pré-definidos, nos quais as mulheres devem seguir as características do que faz parte do “feminino”, como disponibilidade e

vulnerabilidade, Luamanda rompe com esse sistema e, contraria a regra imposta. Com isso, podemos discutir gênero com a afirmativa de Jeffrey Weeks (2000):

O gênero não é uma simples categoria analítica; ele é, como as intelectuais feministas têm crescentemente argumentado, uma relação de poder. Assim, padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável — um poder historicamente enraizado. (WEEKS, 2000, pág. 43)

Sobre o debate a respeito de gênero, a percepção de Judith Butler (2019) ajuda-nos a reforçar esta análise de Weeks (2000), pois a autora diz que gênero “não é de forma alguma uma identidade estável”. Ao colocar essa afirmativa, Butler confirma que o “corpo é um conjunto de possibilidades”. (BUTLER, 2019, pág. 231/215). Para a autora é importante pensar gênero também como um estilo corporal que carrega em si a intenção da performance e esta, é imbuída da construção histórica que carrega suas particularidades. Desse modo, esta mulher-protagonista coloca em questão as normas sociais de sexualidade e afetividade vigentes ao subvertê-las. Como a narradora afirma: “Luamanda experimentava o amor em braços semelhantes aos seus”. (EVARISTO, 2016, pág. 61).

A partir desses compassos, as escrevivências dos corpos que gozam são potências libertárias da sexualidade e, escrever sobre isso abrem experiências confessionais marcadas por prazer, desejo e empoderamento. Como afirma Michael Foucault (2020, pág. 67) “a confissão libera, o poder reduz ao silêncio; a verdade não pertence à ordem do poder, mas tem um parentesco originário com a liberdade.” Se Foucault nos apresentou a confissão, mesmo que pastoral, precisamos refletir como as experiências íntimas de uma mulher negra podem construir o lugar de fala de outras mulheres, mas também o lugar do amor, do gozo, do prazer desse coletivo.

Desse modo, Luamanda marca sua trajetória com reflexões ao longo da narrativa. A cada experiência vivida, ela indaga, reflete, duvida, sofre. Aos onze se apaixona, é repreendida pela mãe e questiona se o “amor-dói” ou se é “terra morta”. Sua primeira experiência sexual foi sem romantizações, num terreno baldio, como testemunha só a lua. Ela com seu corpo confuso de apenas 13 anos, nos impacta com esse sexo recém-iniciado. Luamanda quer saber se o amor é terremoto, não é

menina e não é mulher e sente “gozo-dor” quando espetada por um falo. (EVARISTO, 2016). Tempos depois “encontrou um falo ausente” (EVARISTO, 2016, pág. 61) nos braços de uma mulher, “fundidas nas femininas oferendas da outra.” (EVARISTO, 2016, pág. 61). Em outro momento, envolve-se com um jovem e como uma amazona fica “encantada pela virilidade quase inocente dele” (EVARISTO, 2016, pág. 61), mas foi “no corpo do velho que ela melhor executou o ritual de amor” (EVARISTO, 2016, pág. 61). Assim, é possível observar ao final do conto, que muitos amores passaram pela vida de Luamanda e fica evidente que a protagonista não desiste de amar, seus impulsos são como gritos de rebeldia que libertam seus desejos mais íntimos.

Contudo, ao transitar pelas lembranças de sua história compreendemos a mulher que Luamanda era e o que representava, porém, as narrativas de amores da personagem não foram somente de gozo e prazer. Como mulher, ela também vivenciou as marcas de violência física e psicológica que alguns relacionamentos abusivos deixaram. Ela foi atacada em sua parte mais viva: “a vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora partida.” (EVARISTO, 2016, pág. 62). Através dessa cena reflete-se sobre o corpo violentado da mulher como propriedade masculina, sobretudo, essa violência sofrida pelas mulheres negras, que perpassa pela normatização falocêntrica da branquitude, da solidão e do racismo, transforma a vítima, sendo mulher preta, em território violado também pela negligência e omissão.

Esse foi “um tempo em que precisou exercitar a paciência com seu próprio corpo.” (EVARISTO, 2016, pág. 63). Porque como explica Heleieth Saffioti, “as violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente.” (SAFFIOTI, 2015, p. 79). Como demarca Conceição através da narradora, foi preciso o tempo para que as cicatrizes da violência fossem contornadas pela resiliência, seu prazer se transformasse em vias retornáveis e que o gozo voltasse a ser possível. (EVARISTO, 2016).

Mais uma vez o combate da escritora, da narradora e da personagem foi usar a palavra como recurso da denúncia, como manifesto em investida contra o

silenciamento. Por isso, bell hooks alerta: “Enquanto é crucial que as mulheres façam denúncias em uma sociedade patriarcal que nos socializa para nos reprimir e conter, também é essencial o que dizemos, como dizemos, quais são as nossas políticas.” (HOOKS, 2019, pág. 159).

À vista disso, em busca da sua outra face, como no poema de Cecília Meireles, Luamanda encontra sua autoafirmação e sua dignidade é restaurada. “Luamanda, avó, mãe, amiga, companheira, amante, alma-menina no tempo” (EVARISTO, 2016, pág. 63). No final do conto, Luamanda com seus fios de cabelos brancos, viaja no “tempo-evento” da sua trajetória, divaga entre lembranças e no sobressalto, o amor à espera lá fora. (EVARISTO, 2016).

Considerações finais

Ao partir de uma prosa poética marcada pela tríada narradora-mulher-personagem, Evaristo possibilita que outras vozes sejam representadas pela perspectiva feminina negra. A autora estrutura o discurso literário no empreendimento de ressonâncias que constituem a construção das subjetividades de várias mulheres negras. Por meio da análise deste conto, percebe-se que a intenção da autora em apresentar essas sete fases/faces de Luamanda teve como objetivo primar pelo protagonismo do corpo livre da mulher negra dando visibilidade aos seus desejos, amores e vivências, pois ao discorrer sobre diferentes experiências sexuais da protagonista Conceição Evaristo reforça suas narrativas de escrevivências e mostra como os afetos chegam e restituem a dignidade de amar destas mulheres.

Portanto, Luamanda não apenas representa a mulher negra fora dos estereótipos cuja luta ressoa na literatura, mas pode ser entendida como símbolo de persistência e mais, sua figura situa-se no centro da resistência de sujeitos femininos que “transcendem e transgridem a norma da sobrevivência, do sexismo dentro do universo das relações capitalistas.” (FEDERIC, 2017, pág. 17). Em “Luamanda”, a *literatura afrofeminina* desperta a mulher que sai dos papéis de submissão, castração, toma para si seu corpo, suas regras e ocupa o lugar enunciativo da sua história. Esta

escrita, constituiu suas experiências/vivências e também a de tantas outras escrevivências de mulheres negras.

Sendo assim, através deste artigo, compreende-se que a autora Conceição Evaristo deixa na literatura marcas da autoficção como potência de escrevivências que se opõem aos discursos hegemônicos de silenciamento e através das suas narrativas conquista um legado importante para as pautas literárias que coadunam com os movimentos feministas negros e interseccionais.

Referências

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista** - conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista** - conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina **Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil**: incertezas e ambiguidades do discurso. 2001. Disponível em: https://lacua.au.dk/fileadmin/www.lacua.au.dk/publications/3_di_logos_latinoamerica_nos/5aregina-unb-personagens.pdf Acesso em 01/12/2021.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo /organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes. 1. ed. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

FEDERIC, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FIGUEIREDO. Eurídice. **Mulheres ao espelho**: autobiografia, ficção e autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**. A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HOOKE, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KLINGER, Diana. **A escrita de si como performance.** Revista de Literatura Comparada: 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade /** Guacira Lopes Louro (organizadora) Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PAZ, Otávio. **A dupla chama: Amor e erotismo.** Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras.** Cruz das Almas: UFRB, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** 2 ed. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.